

# ACONTECEU NAQUELE VERÃO



Tessa Bailey

# ACONTECEU NAQUELE VERÃO

TRADUÇÃO DE  
DANDARA MORENA E MAYUMI AIBE

Tessa Bailey



Copyright © 2021 by Tessa Bailey

Direitos de tradução acordados por intermédio de Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL. Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

It Happened One Summer

COPIDESQUE

Agatha Machado

REVISÃO

Rayana Faria

Iuri Pavan

PROJETO GRÁFICO

Diahann Sturge

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO,  
DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA

Henrique Diniz

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Monilha Roe

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

B138a

Bailey, Tessa

Aconteceu naquele verão / Tessa Bailey ; tradução Dandara Morena, Mayumi Aibe. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.  
; 21 cm.

Tradução de: It happened one summer  
ISBN 978-65-5560-484-9

1. Romance americano. I. Morena, Dandara. II. Aibe, Mayumi. III. Título.

22-76040

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

11/02/2022 17/02/2022

[2022]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

## Capítulo um

Q uimpensável estava se concretizando.

O relacionamento mais duradouro da vida dela... terminado num piscar de olhos.

Três semanas *jogadas no lixo*.

Piper Bellinger olhou para o vestido de gala Valentino cor vermelho-sangue, de um ombro só, em busca de qualquer defeito, mas não conseguiu achar nenhum. As pernas bronzeadas estavam tão lisinhas que pareciam uma seda. Na parte de cima também, tudo parecia no lugar certo. A fita para levantar os peitos tinha sido surrupiada dos bastidores de um desfile em Milão, durante a semana de moda — estamos falando da fita mais sensacional de todas para segurar os peitos —, e aquelas belezuras estavam no ponto. Com o volume certo para atrair o olhar masculino e, ao mesmo tempo, transmitir uma vibe atlética a cada quatro posts no Instagram. A versatilidade mantinha as pessoas interessadas.

Feliz em ver que não havia nada de muito errado com sua aparência, Piper mudou o foco para Adrian. Primeiro para a calça pegueada do terno clássico Tom Ford, cujo

tecido era impecável, sedoso; depois, para o luxo das lapelas imponentes e dos botões com monograma, e não conseguiu conter o suspiro. O namorado, impaciente, conferia as horas no relógio Chopard e espreitava a multidão por cima do ombro dela, o que só contribuía para a imagem de “playboy entediado”.

Aliás, não foi o jeito frio, de alguém inalcançável, que a atraiu nele?

Caramba, parece que aquela noite do primeiro encontro foi há uns cem anos. Ela deve ter feito pelo menos duas limpezas de pele depois disso, não? Ainda *existe* isso de noção de tempo? Piper se lembrava, como se fosse ontem, de como eles se conheceram. Adrian impediu que ela pisasse no vômito de alguém na festa de Rumer Willis. Nos braços dele, vendo aquele maxilar bem definido, ela foi transportada para a Hollywood de antigamente. Uma época cheia de ricos vestindo roupão de veludo e mulheres perambulando em longos robes de penas. Assim começou sua clássica história de amor.

E agora os créditos estavam passando na tela.

— Não acredito que você vai jogar tudo fora desse jeito — sussurrou Piper, pressionando a taça de champanhe contra os peitos. Será que atrair a atenção de Adrian para eles o faria mudar de ideia? — A gente passou por tanta coisa.

— É, coisa à beça, né?

Adrian acenou para alguém do outro lado do terraço, e a expressão facial dele comunicava que dali a pouco iria lá falar com a pessoa. Eles foram juntos a um eventinho para arrecadar fundos para o projeto de um filme independente intitulado *O estilo de vida dos oprimidos e famosos*. O roteirista

e diretor era amigo de Adrian, então quase todos ali naquele encontro da elite de Los Angeles eram conhecidos dele. Nenhuma amiga dela estava presente para consolá-la ou facilitar uma saída digna.

Adrian reparou na relutância dela.

— Peraí, o que você estava dizendo mesmo?

O sorriso de Piper estava quase sumindo, então ela injetou uma dose de ânimo, por precaução, porque era fundamental não parecer doida, ainda que por um triz. *Não desanime, mulher*. Aquele não era o primeiro término dela, não é mesmo? Ela própria já tinha dado um pé na bunda um monte de vezes; várias delas, de forma inesperada. Afinal, aquela era a cidade dos caprichos.

Ela não havia percebido direito como as coisas mudaram rápido. Não até pouco tempo atrás.

Piper não era velha, tinha 28 anos. Mas era, *sim*, uma das mulheres mais velhas da festa. Aliás, de todas as festas em que estivera nos últimos tempos. Debruçada no guarda-corpo de vidro com vista para Melrose, estava uma estrela pop em ascensão que, com toda certeza, não tinha mais de dezenove anos. Ali estava alguém que não precisava da fita de Milão para empinar os peitos. Eram leves e firmes, e os mamilos lembravam a Piper uma casquinha de sorvete.

O próprio anfitrião tinha 22 anos e estava iniciando uma carreira no cinema.

Isso era a carreira de Piper. Frequentar festas. Ser vista. Mostrar de vez em quando um produto para clarear os dentes e ganhar uns trocados por isso.

Não que precisasse de dinheiro. Pelo menos, ela achava que não. Era só passar o cartão de crédito para ter as coisas; o que acontecia depois só Deus sabe. Ela imaginava que a

fatura fosse enviada para o e-mail do padrasto ou algo do tipo, não? Com sorte, ele não iria encrencar com a calcinha erótica encomendada em uma loja de Paris.

— Piper? *Oi?* — Adrian movimentou a mão na frente do rosto dela, e Piper se deu conta de que tinha passado muito tempo com o olhar fixo na estrela pop. O suficiente para a cantora começar a encará-la.

Piper sorriu e acenou para a garota, apontando constrangida para a taça de champanhe, depois retomou a conversa com Adrian.

— Foi porque eu falei de você na terapia? Foi só de passagem mesmo, juro. Na maioria das sessões, a gente só dá uma cochilada.

Adrian olhou fixamente para ela por um instante. Para falar a verdade, até que foi legal. Piper não recebia tanta atenção dele desde a quase pisada no vômito.

— Já namorei umas cabeças-ocas por aí, Piper — disse ele. — Mas você coloca todas no chinelo.

Ela sustentou o sorriso, embora isso tenha exigido mais determinação do que o normal. Tinha gente olhando. No mínimo cinco selfies estavam sendo tiradas naquele exato momento no terraço, inclusive uma de Ansel Elgort, e Piper estava figurando ao fundo de todas elas. Seria o fim da picada deixar a tristeza transparecer no rosto, sobretudo quando a notícia sobre o término fosse divulgada.

— Não consigo entender — disse ela, dando uma risada e tirando os cabelos cor-de-rosa acobreados do ombro.

— Que novidade! — devolveu ele, em tom seco. — Escuta, gata. A gente se divertiu nessas três semanas. Você fica show de biquíni. — Ele deu de ombros, na elegância

do terno Tom Ford. — Só estou querendo terminar antes de ficar chato, entendeu?

Chata. Cada vez mais velha. E nem era cineasta ou estrela do pop.

Só uma garota bonita com um padrasto milionário.

Porém, Piper não conseguia pensar nisso agora. Ela só queria deixar aquela festa do jeito mais discreto possível e ir chorar todas as mágoas. Depois de tomar um ansiolítico e postar um texto inspirador no feed do Instagram, claro. O post confirmaria o término, mas também possibilitaria que ela controlasse a narrativa. Talvez pudesse ser algo relacionado a crescimento e amor-próprio?

Sua irmã, Hannah, saberia qual letra de música cairia como uma luva naquela situação. Ela passa horas à toa em meio a uma pilha de vinis, com um headphone gigante e horrendo na cabeça. Droga, bem que deveria ter dado mais crédito à opinião de Hannah sobre Adrian.

O que foi que ela falou mesmo? Ah, claro.

*Ele tem o carisma de um chuchu.*

Mais uma vez, Piper estava no mundo da lua, e Adrian voltou a conferir o relógio.

— E aí, tem mais alguma coisa? Preciso dar uma socializada.

— Ah, é. — A resposta saiu apressada; a voz, nem um pouco natural. — Você tem toda razão sobre isso de acabar antes de o tédio bater. Eu não tinha pensado nisso. — Ela aproximou a taça de champanhe da dele, para brindar. — Tomamos a decisão de não sermos mais um casal. Trabalhamos na maturidade.

— Tá certo. Chame do que você quiser. — Adrian deu um sorrisinho forçado. — Te agradeço por tudo.

— Eu que agradeço. — Com uma expressão séria, ela fazia de tudo para não parecer uma cabeça-oca. — Aprendi muito sobre mim mesma nessas últimas três semanas.

— Fala sério, Piper. — Adrian riu e a analisou da cabeça aos pés. — Você ainda brinca de se fantasiar e gasta o dinheiro do papai. Nem tem motivo para aprender nada.

— Eu preciso de motivo? — perguntou ela, despreocupada, ainda sustentando um sorrisinho.

Incomodado por ter ficado contra a parede, Adrian bufou, irritado.

— Acho que não. Mas com certeza precisa de um cérebro que não se limite a contar quantas curtidas vai ganhar com uma foto do guarda-roupa. A vida não é só isso, não, Piper.

— É, eu sei — disse ela, instigada pela irritação e por uma dose de vergonha relutante. — Vida é o que eu registro com as fotos. Eu...

— Caramba. — Ele meio que resmungou, meio que riu. — Por que você está me *forçando* a ser um babaca? — Alguém chamou pelo seu nome de dentro da cobertura, e Adrian levantou o dedo, o olhar bem fixo em Piper. — Você não tem nada de especial, tá legal? Tem centenas de Pipers Bellinger nesta cidade. Você era só uma distração. — Ele deu de ombros. — E o seu tempo acabou.

Foi um milagre Piper ter mantido intacto seu sorriso atraente conforme Adrian se afastava, já chamando os amigos. Todos no deck do terraço estavam olhando para ela, cochichando sem disfarçar muito, sentindo pena — o pior dos pesadelos. Ao levantar a taça para saudá-los, notou que estava vazia. Colocou-a na bandeja do garçom mais próximo, apanhou a clutch Bottega Veneta de tecido sedoso,

com toda a dignidade que conseguiu reunir, e atravessou a multidão. Ao chegar ao elevador, piscou os olhos marejados para enxergar direito o botão.

Quando as portas finalmente a fizeram sumir de vista, ela desabou na parede da cabine de metal. Inspirou fundo pelo nariz, soltou o ar pela boca. As notícias de que Adrian tinha terminado com ela logo circulariam por todas as redes sociais, quem sabe até com direito a vídeo. Depois disso, nem mesmo as subcelebridades a convidariam para suas festas.

Ela tinha uma reputação, todos a achavam uma companhia legal para sair e curtir. Era uma mulher cobiçada. Uma *it girl*.

Se perdesse o status social, o que iria lhe restar, *de fato*?

Piper tirou o celular da bolsa e, absorta, pediu um Uber Black, que estava a cinco minutos dali. Depois, fechou o aplicativo e abriu sua lista favorita. O polegar passou pelo nome de Hannah, mas acabou parando no de Kirby. A amiga atendeu após o primeiro toque.

— Ai, meu Deus, é verdade que você implorou para o Adrian não terminar contigo na frente do Ansel Elgort?

Era pior do que ela imaginava. Quantas pessoas já tinham dado com a língua nos dentes para o TMZ? Amanhã, às seis e meia da noite, o nome dela estaria na boca do povo da redação, enquanto Harvey bebericaria de seu copo reutilizável.

— Eu não implorei para o Adrian ficar comigo. Pô, Kirby, você sabe muito bem como eu sou.

— Amada, eu sei. Mas as outras pessoas não sabem. Agora é fazer a contenção de danos, não tem jeito. Você tem um assessor de imprensa de sobreaviso?

— Não tenho mais. O Daniel falou que não tem por que fazer uma nota para a imprensa para avisar que fui ao shopping.

Kirby ficou irritada.

— Valeu, hein, tio.

— Mas você tem razão. Preciso fazer a gestão de crise.

A porta se abriu, e Piper saiu do elevador, fazendo barulho pelo saguão a cada passo com o par de scarpins de sola vermelha, até chegar à Wilshire. Bateu um ar quente que secou a umidade nos olhos dela. Os edifícios altos do centro de Los Angeles se erguiam em direção ao céu encoberto daquela noite de verão, e ela olhou para cima até a vista alcançar o topo dos prédios.

— Até que horas fica aberta a piscina na cobertura do Mondrian?

— Você quer saber do horário de funcionamento a essa hora? — reclamou Kirby, e Piper ouviu o estalo do cigarro eletrônico da amiga. — Não sei, mas já passou da meia-noite. Se ainda não tiver fechado, vai fechar daqui a pouco.

Um Lincoln preto parou rente ao meio-fio. Após conferir a placa, Piper entrou no carro e fechou a porta.

— Invadir a piscina e curtir pra caramba não seria, tipo, a melhor maneira de resolver isso? Enfiando o pé na jaca? Aí o Adrian seria o cara que terminou com uma lenda.

— Ai, que merda — murmurou Kirby. — Você está ressuscitando a Piper de 2014.

Era essa a solução, não era? Não existia um momento melhor da vida dela do que o ano em que fez 21, quando saiu totalmente alucinada por Los Angeles e, no meio do caminho, acabou ficando famosa. Ela só quis sair do marasmo,

não foi nada de mais. Talvez fosse a hora de recuperar a coroa. Talvez não devesse ficar ouvindo as palavras de Adrian se repetirem em looping na sua cabeça, forçando-a a pensar que ele poderia estar certo.

*Sou só mais uma no meio de centenas?*

*Ou a garota que invade uma piscina para nadar à uma da manhã?*

Piper fez que sim, decidida, e se inclinou para a frente.

— Na verdade, pode me deixar no Mondrian, por favor?

Kirby soltou uma gargalhada, meio irônica, do outro lado da linha.

— Te encontro lá — disse ela.

— Tive uma ideia melhor. — Piper cruzou as pernas e se recostou no banco de couro. — Que tal a gente chamar *todo mundo*?

## Capítulo dois

A cadeia era um lugar frio e escuro.

Piper estava em pé no meio da cela, tremendo e abraçando os cotovelos para não encostar, sem querer, em nada que a fizesse precisar tomar uma vacina antitetânica. Até então, a palavra “tortura” era somente uma descrição vaga de algo que ela nunca iria compreender. Mas, após quase seis drinques, tentar *não fazer xixi* em um vaso sanitário todo mofado era um tormento pelo qual nenhuma mulher deveria passar. A situação do banheiro do Coachella no fim da noite não chegava nem perto daquele vaso sanitário imundo zombando de Piper de um canto da cela.

— Com licença? — pediu Piper, cambaleando no salto alto até as barras. Não havia nenhum guarda à vista, mas ela estava escutando barulhinhos que só podiam ser do Candy Crush vindos de perto dali. — Oi, sou eu, a Piper. Tem outro banheiro que eu possa usar?

— Não, princesa — respondeu uma mulher, com um tom bastante entediado. — Não tem, não.

Ela se balançou de um lado para o outro; a bexiga reclamava para ser esvaziada.

— Qual é o banheiro que *você* usa?

Um som de escárnio.

— O das pessoas que *não* cometeram crimes.

Piper choramingou, embora a guarda tivesse passado um pouquinho dos limites ao dar uma resposta tão agressiva, sem hesitar.

— Mas eu não cometi nenhum crime — insistiu Piper. — Isso aqui é um grande mal-entendido.

Gargalhadas estridentes ecoaram por aquele corredor monótono. Quantas vezes ela já tinha passado em frente à delegacia na Wilcox Norte? E agora era uma das detentas.

Mas, sério, foi uma festa e tanto.

A guarda caminhou devagar até a cela de Piper, com os dedos enfiados na cintura da calça do uniforme bege. *Bege*. Quem quer que fosse o responsável pelo estilo dos agentes da lei deveria ser condenado por impor essa punição cruel e peculiar.

— Então, para você, duzentas pessoas invadindo a piscina de um hotel de madrugada é um mal-entendido?

Piper cruzou as pernas e respirou fundo. Se por acaso ela se mijasse toda em um Valentino, faria questão de permanecer na cadeia.

— Acredita que o cartaz com os horários da piscina estava meio escondido?

— Essa é a defesa do advogado que vai te cobrar uma nota? — Dava para ver que a guarda estava achando graça. — Alguém teve que quebrar a porta de vidro para ter acesso e deixar os outros riquinhos entrarem. Quem foi que fez isso? O Homem Invisível?

— Eu não sei, mas vou descobrir — prometeu Piper, solenemente.

A guarda abriu um sorriso.

— Tarde demais pra isso, meu bem. Sua amiga do cabelo roxo nas pontas já disse que você foi a líder do grupo.

Kirby.

Só podia ser ela.

Na festa, era a única com as pontas do cabelo pintadas de roxo. Pelo que Piper lembrava. Em algum momento, entre brincar de briga de galo na piscina e soltar fogos de artifício ilegais, ela perdeu a noção do número de convidados que estavam chegando. Mas deveria saber muito bem que não dá para confiar em Kirby. Piper era amiga dela, mas não tão próxima a ponto de Kirby mentir para a polícia para protegê-la. A relação das duas se baseava em comentários em posts nas redes sociais e no incentivo para fazer compras absurdas, como uma bolsa de 4 mil dólares em formato de batom. Na maioria das vezes, esse tipo de amizade superficial era valioso, mas não naquela noite.

Por isso mesmo, a ligação a que tinha direito foi para Hannah.

Falando nela, onde estava mesmo a irmãzinha de Piper? Ela havia telefonado uma hora atrás.

Piper pulava de um lado para o outro, prestes a usar as mãos para conter o xixi.

— Quem te obriga a usar calça bege? — perguntou Piper, sem muito fôlego. — Por que essa pessoa não está aqui na cela comigo?

— Beleza. — A guarda levantou a mão. — Nessa a gente concorda.

— Sério mesmo, qualquer outra cor seria melhor. Ficar *sem* calça seria melhor.

Para se distrair do Chernobyl que iria acontecer na parte de baixo do seu corpo, Piper começou a divagar, como costumava fazer em momentos desconfortáveis.

— Você é muito linda, guarda, mas isso é tipo um mandamento: ninguém deveria ser obrigado a usar calça cáqui.

A mulher arqueou uma das sobrancelhas.

— Você seguraria o look.

— Tem razão — disse Piper, aos soluços. — Eu seguraria mesmo.

A guarda deu uma risada, mas depois ficou séria.

— O que deu em você para resolver instaurar o caos hoje à noite?

Piper murchou um pouco.

— Meu namorado me largou. E... nem olhou nos meus olhos, em nenhum momento. Acho que eu só queria atenção. Reconhecimento. Ser notada e não... desprezada. Sabe?

— Foi desprezada e fez besteira. É, eu sei o que é isso.

— Sério? — perguntou Piper, esperançosa.

— Claro. Quem nunca jogou todas as roupas do namorado na banheira e tacou alvejante em cima?

Piper imaginou o terno Tom Ford manchado e sentiu um calafrio.

— Que maldade — sussurrou. — Talvez eu devesse só ter furado os pneus dele. Pelo menos não é ilegal.

— É ilegal, sim.

— Ah. — Piper mandou uma piscadela exagerada para a guarda. — Claaaaro.

A mulher balançou a cabeça e conferiu ambos os lados do corredor.

— Tudo bem, é o seguinte. Hoje está sem movimento. Se não me arranjar problema, vou te deixar usar o banheiro que não é tão escroto quanto esse.

— Ai, obrigada, obrigada, obrigada.

A guarda posicionou a chave na fechadura e a encarou com um olhar sério.

— Estou com um taser aqui.

Piper acompanhou sua salvadora pelo corredor até o banheiro, onde levantou meticulosamente a saia do vestido Valentino e aliviou a pressão horrível na bexiga, gemendo até cair a última gota. Ao lavar as mãos na pequena pia, prestou atenção no reflexo do espelho. Olhos de panda a encaravam. O batom borrado, o cabelo todo lambido. Com certeza, uma diferença gritante em relação ao início da noite, mas era impossível não se sentir como um soldado depois da guerra. Ela havia decidido não pensar no término, não é?

O helicóptero da polícia sobrevoando o local enquanto Piper puxava um trezinho com coreografia reafirmou seu status como atual rainha das baladas de Los Angeles, sem dúvida. Bom, provavelmente. Seu celular foi confiscado durante aquela coisa toda de tirar foto segurando uma plaquinha e de carimbar as digitais, então ela não sabia o que estava rolando na internet. Os dedos estavam coçando para usar certos aplicativos, e era exatamente isso que faria quando Hannah chegasse para tirá-la da cadeia.

Olhou para o espelho, surpresa por perceber que a ideia de quebrar a internet não tinha feito seu coração disparar como antes. O que estava acontecendo com ela?

Piper respirou, afastou-se da pia e baixou a maçaneta da porta com o cotovelo para abri-la. Obviamente, a noite teve

seu preço... Afinal de contas, eram quase cinco da manhã. Assim que dormisse um pouco, ela iria passar o dia se deleitando com as mensagens lhe dando os parabéns e com a enxurrada de novos seguidores. Ia ficar tudo bem.

Antes de Piper ser algemada de novo e conduzida de volta à cela, uma colega da guarda a chamou do outro lado do corredor.

— Ô, Lina. Pagaram a fiança da Bellinger. Traz a garota para fazer os trâmites.

Piper ergueu os braços para comemorar.

— *Oba!*

Lina riu.

— Vamos lá, miss Universo.

Revigorada, ela saltitou ao lado da mulher.

— Lina, não é? Te devo uma. — Ela juntou as mãos debaixo do queixo e fez um beicinho, com charme. — Obrigada por ter sido tão legal comigo.

— Não exagere — disse a guarda, marcando cada palavra, embora a expressão no rosto fosse de contentamento. — Eu só não estava a fim de limpar mijo do chão.

Piper riu, e, nesse instante, Lina destrancou a porta no final daquele corredor cinzento. E lá estava Hannah na área de processamento, de pijama e boné de beisebol, preenchendo a papelada; os olhos semicerrados.

Ela sentiu um quentinho no coração ao ver a irmã mais nova. As duas não eram nada parecidas nem tinham algo em comum, mas Hannah era a única pessoa para quem Piper ligaria em um aperto. Hannah era a irmã com a qual se podia contar, apesar de ter aquele jeito de hippie preguiçosa.

Enquanto Piper era a mais alta, Hannah sempre foi chamada de nanica, desde pequena, e não passou pelo estirão de crescimento na época da escola. Ali, na delegacia, a silhueta pequenina estava coberta por um moletom da UCLA, e fios de cabelo louro areia saíam do boné de tom vermelho pálido.

— Ela tá liberada? — perguntou Lina a um homem de lábios finos, encurvado atrás da mesa.

Ele acenou com a mão, sem levantar o olhar.

— Dinheiro resolve qualquer coisa.

Lina liberou as algemas mais uma vez, e Piper se lançou para a frente.

— *Hannnnns!* — ela choramingou e deu um abraço forte na irmã. — Vou recompensar você por isso. Vou limpar a casa sozinha durante uma semana.

— A gente nem limpa a casa, sua boba — disse Hannah, bocejando e esfregando os olhos. — Por que você está com cheiro de incenso?

— Ah. — Piper cheirou o ombro. — Acho que a vidente acendeu um. — Ela se aprumou, tentando se lembrar de algo. — Nem sei como ela ficou sabendo da festa.

Hannah ficou boquiaberta; parecia ter despertado, ao menos ligeiramente. Os olhos cor de mel contrastavam por completo com o azul-celeste dos de Piper.

— Por acaso ela falou que tem um padraço furioso no seu futuro?

Piper estremeceu.

— Ui. Eu estava sentindo que não ia dar para evitar a ira de Daniel Q. Bellinger. — Ela esticou o pescoço para ver se alguém estava trazendo seu celular. — Como foi que ele soube?

— Pelo noticiário, Pipes. Pelo noticiário.

— Claro. — Ela soltou um suspiro, alisando com as mãos a saia amarrotada do vestido. — Nada que os advogados não possam resolver, certo? Tomara que ele me deixe tomar um banho e dormir um pouco antes de me passar um daqueles famosos sermões. Eu estou o *fim de festa* em pessoa.

— Para com isso, você está ótima — disse Hannah, contraindo os lábios ao finalizar a papelada com uma assinatura rebuscada. — Você sempre está ótima.

Piper fez uma dancinha.

— Tchau, Lina! — gritou ela, na saída da delegacia. Segurava seu tão amado celular nos braços como se fosse um recém-nascido, os dedos agitados pela urgência de mexer na tela. Falaram para ela usar a saída dos fundos, onde Hannah ia poder entrar com o carro. *Era o protocolo*, disseram.

Piper deu um passo para fora da porta e foi cercada de fotógrafos.

— Piper! Olha pra cá!

A vaidade dela ganiu como um pterodáctilo.

Sentiu um frio na barriga, mas sorriu rapidamente para todos. Então abaixou a cabeça e andou o mais rápido que uma pessoa de salto é capaz em direção ao Jeep de Hannah, que já estava aguardando.

— Piper Bellinger! — gritou um paparazzo. — Como foi sua noite na cadeia?

— Você se arrepende de ter desperdiçado o dinheiro do contribuinte?

A ponta do salto prendeu numa rachadura do asfalto, e ela quase se espatifou de cara no chão, mas alcançou a porta aberta por Hannah e se atirou no banco do carona. Embora

fechar a porta tenha abafado o bombardeio de perguntas, a última que ouviu ainda ressoava em sua mente.

Desperdiçar dinheiro do contribuinte? Ela só tinha dado uma festa, não?

Tudo bem que foi necessária uma quantidade considerável de policiais para encerrá-la, mas, assim, estavam em Los Angeles, né... A polícia já não espera que algo desse tipo aconteça?

Beleza, isso soou como coisa de gente privilegiada e mimada, mesmo para ela.

De uma hora para a outra, Piper ficou sem vontade de dar uma olhada nas redes sociais.

Secou o suor das palmas no vestido.

— Eu não queria irritar ninguém nem desperdiçar dinheiro. Isso nem chegou a passar pela minha cabeça — disse ela, baixinho, tentando se virar tanto quanto possível na direção da irmã, apesar do cinto. — A coisa tá feia, Hanns?

Hannah mordida o lábio inferior com força. As mãos ao volante dirigiam devagar, tentando passar por todas aquelas pessoas que tiravam fotos de Piper loucamente.

— Não está bom para o seu lado, não — respondeu ela, após uma pausa. — Mas, olha só, você costumava aprontar uma dessas toda hora, lembra? Os advogados sempre dão um jeito de resolver a situação, e amanhã as pessoas vão estar preocupadas com outra coisa. — Ela acionou o touch screen, e uma melodia suave percorreu o carro. — Escuta só isso. Já separei a música perfeita para este momento.

As notas soturnas de “Prison Women”, da banda REO Speedwagon, ecoaram dos alto-falantes.

Piper jogou a cabeça contra o encosto.

— Nossa, que engraçado. — Com o celular apoiado no joelho, Piper segurou a tela do aparelho por alguns segundos, depois corrigiu a postura e abriu o Instagram.

Lá estava. A foto que ela postou de madrugada, às 2h42, como indicava o registro de hora e data. Foi tirada com o celular de Piper por Kirby, a vadia traíçoeira. Piper aparecia sentada nos ombros de um homem cujo nome ela não conseguia lembrar — embora tivesse uma vaga memória de ele pedir para jogarem uma segunda rodada para os Lakers? —, só de calcinha e fita nos seios, mas assim... de um jeito artístico. O vestido Valentino estava estendido sobre uma poltrona no fundo. Fogos de artifício estouravam em volta dela como se fosse o 4 de Julho, formando um círculo de faíscas e fumaça ao seu redor. Ela parecia uma deusa brotando de uma névoa eletrizada — e a foto já estava com quase um milhão de likes.

Piper hesitou, mas quis conferir *quem* havia curtido a foto. Não aparecia o nome de Adrian.

E tudo bem. Um milhão de pessoas deram like, não é mesmo?

Mas nenhuma delas havia passado três semanas com ela.

Para elas, Piper era só uma imagem bidimensional. Se convivessem com ela durante três semanas, também iriam passar batido pela foto? Iriam apenas observá-la se misturando a um borrão de centenas de garotas iguaizinhas a ela?

— Ei — disse Hannah, pausando a música. — Vai ficar tudo bem.

A risada de Piper soou forçada, então ela não a prolongou.

— Eu sei. Sempre acaba ficando tudo bem. — Ela pressionou os lábios. — Quer saber como foi o concurso de cueca molhada?



Piper Bellinger, uma das it girls mais influentes de Los Angeles, vive chamando atenção nos eventos e nas redes sociais. Quando em uma noite regada a champanhe, depois de levar um fora do namorado, ela invade a cobertura de um hotel e faz uma festa que acaba saindo do controle, seu padrasto decide dar um basta no estilo de vida inconsequente de Piper. Ele corta boa parte do seu dinheiro e a manda para Westport, uma cidadezinha pesqueira com dois mil habitantes, na esperança de incutir na enteada alguma noção de responsabilidade ao fazê-la assumir o bar deixado pelo pai dela.

Ao pôr os pés em Westport, Piper conhece Brendan, um capitão barbudo que está certo de que a garota não aguentará nem uma semana. Mas Piper está decidida a provar para o padrasto e aquele capitão rabugento (embora bem charmoso, não dá para negar) que ela é mais do que um rostinho bonito, mesmo que para isso precise cuidar de uma espelunca e morar em um apartamento minúsculo.

A patricinha que adora festa é o extremo oposto do pescador pé no chão, mas a atração entre eles é inegável. Decidida a evitar distrações, Piper acaba encontrando em Westport um lar, se reconecta com seu passado e começa a se perguntar se a vida glamorosa, porém vazia, que levava em Los Angeles é realmente o que deseja. Talvez, até o fim do verão, Brendan e aquela cidadezinha cheia de memórias já tenham fígado seu coração.

**SAIBA MAIS:**

[www.intrinseca.com.br/livro/1153](http://www.intrinseca.com.br/livro/1153)

